

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

**JOGO DE PALAVRAS: FUTEBOL, LITERATURA E PENSAMENTO SOCIAL**

Thiago Ingrassia Pereira

Sociólogo, Doutor em Educação (UFRGS)

Professor Adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus* Erechim

GT 08 – Literatura e Pensamento Social

**Resumo:** A sociologia e a literatura apresentam distinções metodológicas que promovem enfoques diferentes acerca da vida social. Contudo, na perspectiva de Zygmunt Bauman, elas seriam “irmãs”, oscilando entre a rivalidade e a colaboração na busca de seu objetivo compartilhado de “rasgar as cortinas”. Esta alegoria é trabalhada por Bauman a partir de Milan Kundera e sinaliza para uma das tarefas da sociologia no processo de conhecimento sobre a realidade social. Nessa perspectiva, caberia ao sociólogo “rasgar a cortina” que encobre a realidade por meio de representações distorcidas e ingênuas da sociedade. A reflexão proposta examina um fenômeno coletivo importante (futebol) por meio da hermenêutica que se esboça na “fronteira” entre as ciências sociais e a literatura. A partir das reflexões antropológicas e sociológicas de Roberto DaMatta e das crônicas esportivas e teatrais de Nelson Rodrigues, promove-se o futebol para além do campo de jogo, adentrando em seus significados culturais, políticos e econômicos. Novamente, o futebol é uma metáfora da sociedade que se constitui em objeto de análise.

**Palavras-chave:** Literatura; Sociologia; Futebol.

**Entrando em *campo***

Amigos, aí é que está: - o sujeito que quiser conhecer o Brasil terá que olhar o escrete. Não há nada mais Brasil do que Pelé. E repito: - todo o Brasil estava no goal que Pelé marcou, de cacetada, contra o País de Gales. Também a desgraça venta no futebol. Pior do que Canudos foi a vergonha épica de 50. No Maracanã inaugurado, o uruguaio Obdulio Varela venceu, no palavrão, o escrete e toda a nação (RODRIGUES, 2012, p. 14).

As palavras de Nelson Rodrigues sinalizam para o papel do futebol como metáfora da sociedade brasileira. Sendo um fenômeno coletivo de massas, cabe ao analista social sua interpretação, tendo em vista referenciais diversos que permitam captar o fenômeno em seus multifacetados aspectos.

A sociologia surge no contexto do século XIX como um esforço teórico e metodológico de entendimento racional da sociedade moderna. Com o desenvolvimento de suas bases epistemológicas, a sociologia passa a considerar diferentes aspectos em suas abordagens, mantendo a relação indivíduo-sociedade na base de quaisquer tendências

analíticas. No limiar do século XXI ganha relevância o debate acerca de transformações profundas que sugeririam rupturas teórico-metodológicas com o paradigma moderno. Considerando esse contexto e seus desdobramentos, a aproximação do campo sociológico com outras expressões do pensamento social torna-se uma alternativa para o exame da sociedade.

Nesta perspectiva, a reflexão proposta aproxima a sociologia da literatura e investe na interpretação do futebol como fenômeno social. Tendo a sociedade brasileira da segunda metade do século XX por base, o principal objetivo deste trabalho é examinar aspectos culturais, políticos e econômicos produzidos a partir dos distintos espaços sociais ocupados pelo futebol.

Apresentando-se como um ensaio, a reflexão empreendida tem como pressuposto que o futebol na sociedade brasileira extrapola a dimensão esportiva, adentrando no imaginário coletivo por meio de processos identitários que promovem relações harmoniosas e conflitivas. Para a efetivação desta análise, parte-se das provocações do sociólogo Zygmunt Bauman, em especial, em seu livro “Para que serve a sociologia?” (2015), no qual retoma a vinculação entre a sociologia e a literatura como estratégia metodológica para a compreensão da sociedade.

A partir da ponderação de Milan Kundera sobre o nascimento da arte moderna como uma forma de ruptura com a “cortina” dos prejulgamentos, Bauman sugere que o *métier* do sociólogo seria “rasgar cortinas”, tendo em vista que a “cortina” seria uma metáfora que representaria o encobrimento das “verdades”. Assim, a ideologia, na acepção marxiana de “falsa consciência”, representada na cortina que não permite o público visualizar o palco do teatro, deveria ser tensionada pela análise racional da sociologia.

Por isso, a literatura em seus variados gêneros torna-se um instrumento interessante ao analista social. Dessa forma, esta reflexão ensaística aproxima as reflexões antropológicas e sociológicas de Roberto DaMatta com as crônicas esportivas e teatrais de Nelson Rodrigues.

### **Jogadas ensaiadas**

Um ensaio é um convite à reflexão inicial que nos desafia na produção do conhecimento sobre a realidade social. Em caráter exploratório, este texto apresenta para o debate o futebol a partir de uma aproximação entre o antropólogo Roberto DaMatta, em sua incursão como cronista interessado nas questões deste esporte, e Nelson Rodrigues,

investido de cronista esportivo em busca das tramas do futebol em suas conexões com a sociedade brasileira (a carioca, em especial).

A reflexão proposta examina duas obras em especial dos autores de referência mencionados: “A bola corre mais que os homens” (2006) de DaMatta e “O berro impresso das manchetes” (2007) de Rodrigues. Nestas obras, o futebol aparece em sintonia com a paisagem social brasileira, tanto em seus aspectos econômicos e políticos, quanto em seus tipos humanos que assumem a função de personagens da trama social.

Nelson Rodrigues é reconhecido como um expoente na produção literária, em especial, no teatro. Contudo, seu interesse pelo futebol decorre de sua filiação clubística ao Fluminense do Rio de Janeiro. Entre 1955 e 1959, Nelson vai escrever uma coluna semanal no jornal “Manchete Esportiva”, associando sua veia literária à análise técnica e tática do esporte. No total, foram 163 crônicas em que o futebol é examinado dentro e fora do campo de jogo. A partir da crônica publicada no dia 24 de agosto de 1957, denominada “Meu personagem da semana: Didi”, Nelson associa de vez a literatura ao futebol. Segundo ele,

Adolfo Bloch sugere que eu escolha “o meu personagem” de cada semana. É uma boa ideia e que tem considerável vantagem de unir futebol e teatro. Para os bobos, não existe a menor relação entre uma coisa e outra. Ilusão. Existe, sim. O futebol vive dos seus instantes dramáticos e um jogo só adquire grandeza quando oferece uma teatralidade autêntica. Pode ser uma pelada. Mas, se há dramatismo, ela cresce desmedidamente (RODRIGUES, 2007, p. 261).

Em outra coletânea de crônicas esportivas, organizadas pela filha do autor, Sonia Rodrigues, denominada “Brasil em campo” (2012), Nelson nos apresenta em tom jocoso (uma das marcas de sua escrita) a sua “dupla vida” de cronista e dramaturgo:

Amigos, nem todos os meus leitores (se é que tenho leitores) sabem que, além de ser cronista, sou um dramaturgo. Outro dia, um torcedor me perguntava: - “Você é ator?”. Retifiquei: - “Autor”. Ligeira surpresa: - “Não é a mesma coisa?”. Tive de explicar-lhe que havia uma sutil diferença. Mas o torcedor não acreditou (RODRIGUES, 2012, p. 159).

O a(u)tor Nelson constituiu, assim, seu texto futebolístico na “fronteira” entre a ficção e a realidade de cada jogo. Se considerarmos que o fato/objeto é, em si, conquistado, construído e constatado pelo observador, avançando sobre uma concepção empirista, formalista e intuicionista de viés positivista (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2002), percebemos que a construção analítica é proveniente de um esforço hermenêutico do sujeito que busca conhecer.

Na linha interpretativa de Bauman (2015, p. 26), “escrever um romance não é o mesmo que escrever sociologia”, sinalizando para as diferentes técnicas e objetivos que

cada atividade. Contudo, o sociólogo polonês adverte que tanto a literatura como a sociologia se aproximam na tentativa de explicação da realidade, captando aspectos materiais e simbólicos do cotidiano. Dessa forma,

evidentemente, existe “verdade” *na* literatura, mas é a verdade *da* literatura – da mesma forma que existe uma verdade *da* ciência, embora ela só possa ser a verdade *da* ciência. Em ambos os casos, as verdades de que estamos falando afirmam seu valor de verdade porque seguiram fielmente o código de procedimento prescrito. Não é uma questão de marcar pontos na mesma liga dos que se dedicam à busca da verdade, mas de competir em diferentes ligas para ganhar diferentes troféus. Em última instância, é a compreensão que cada um tem da vocação sociológica que determina sua escolha, e não a superioridade intrínseca de rivais e competidores na mesma corrida e na mesma pista (BAUMAN, 2015, p. 30-31).

Podemos perceber que Bauman utiliza em seu argumento comparações com o universo esportivo. De certa forma, é possível supormos que esse recurso é um desdobramento do lugar que o esporte ocupa na sociedade. Além disso, a construção de objetivos de análise do sociólogo parte de sua compreensão em termos “vocacionais” de seu ofício, ou seja, nossas escolhas temáticas e teóricas partem de aspectos ontológicos que constituem o pesquisador.

Nesse sentido, meu interesse pelo futebol está situado na qualidade de eventual praticante do esporte, mas, sobretudo, da minha condição de “torcedor”. Por isso, neste texto, *ensaio algumas jogadas* interpretativas que assumem sua condição exploratória de um tema que vem sendo examinado pela sociologia do esporte. Não é meu objetivo adentrar em um debate científico deste campo do conhecimento. Meu enfoque é mais modesto, no sentido de dar visibilidade ao tema no âmbito das ciências sociais, promovendo um debate inicial com o campo literário.

O exercício de sociólogo-torcedor me orientou a leituras na interface entre a ciência e a arte. Nesse sentido, me pareceu oportuno apostar na hermenêutica do gênero crônica, tendo em vista sua natureza de reflexão de aspectos do cotidiano. Ao fazer essa aposta, não desprezei outras fontes neste *jogo de palavras*. Por exemplo, um dos temas discutidos por Nelson é a questão da nacionalidade (a “pátria de chuteiras”) a partir da Copa do Mundo de 1950 disputada no Brasil. A seleção brasileira de futebol perdeu para o Uruguai, fato conhecido como *Maracanaço*. Na verdade, *nós*, enquanto país, perdemos.

A repercussão na imprensa, da qual fez parte Nelson e transita Roberto DaMatta, foi imensa daquele contexto em que o *Brasil perdeu* em 1950. Historiadores (FRAGA, 2014) apresentam vasto material da imprensa escrita da época sobre os sentidos daquela derrota. Em certo sentido, um projeto de país foi derrotado, principalmente em relação à

nacionalidade, ou seja, à intersubjetividade constituinte da identidade de “ser brasileiro”, cidadão de um país vitorioso.

Esta derrota de 1950, talvez, tenha sido superada pela de 2014, na qual, mais uma vez, a seleção nacional (o “escrete” para Nelson Rodrigues) não conseguiu vencer em “casa”. Diferente do histórico revés contra o Uruguai, a recente derrota assumiu a dramaticidade que transforma uma simples pelada em espetáculo: os sete gols da Alemanha no estádio do Mineirão (*Mineiraço?*), em Belo Horizonte, segundo algumas análises, desencadearam uma onda de protestos com maior intensidade contra a presidência da república. Alguns bradaram que “não vai ter Copa”. Teve o evento e o Brasil perdeu novamente.

De qualquer forma, esse sentimento que associa a derrota esportiva à derrota da nação em si, é bastante contraditório. Somos o país do *jeitinho*, somos muito desiguais, temos corrupção, *mas*, no futebol “não há quem possa”. Ganhamos cinco vezes a Copa do Mundo, tivemos em um período recente o maior estádio do mundo, a maior torcida de um clube de futebol no mundo é a do Flamengo, temos inúmeros clubes profissionais no país, quatro divisões no nacional, uma copa “democrática” do Brasil e participamos de competições internacionais nas quais nossos clubes são sempre favoritos.

Porém, a cada insucesso em campo, a cada notícia de corrupção na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), somos diminuídos como brasileiros. Aliás, muitos brasileiros aprendem parte de nosso hino nacional porque são torcedores da seleção. Nesse ponto, conforme adverte DaMatta (2006, p. 135), “[...] no Brasil só existem três coisas sérias: a cachaça, o jogo do bicho e o futebol”.

Encontramos um antropólogo preocupado com as questões que *fazem do Brasil, Brasil*, que chega ao futebol porque gosta do esporte sendo, a exemplo de Nelson, torcedor do Fluminense. A partir da frase de Didi, que foi o primeiro “personagem da semana” da coluna de Nelson na “Manchete Esportiva”, “não sou eu que corro, é a bola que corre”, DaMatta cria a expressão “a bola corre mais do que os homens”, simbolizando a complexidade deste esporte travestido de “símbolo” nacional. No livro que leva esta expressão no título, DaMatta reúne “duas Copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol”.

O espaço social do futebol, que para o antropólogo assume em nosso país a condição de *jogo*, é construído na interface das dimensões econômicas, políticas e culturais, sendo, ao mesmo tempo, mercadoria revestida de racionalidade econômica, a

fonte de alegria e prazer promovida pelo gol que faz o nosso time vencer. Quando o time vence, *nós* vencemos. Os desafios de torcer e jogar futebol se materializam na ideia de que “a bola corre mais do que os homens”. Talvez, a economia corra mais do que os homens, assim como as exigências de políticas públicas efetivas corram mais do que os recursos e a intencionalidade administrativa dos governos.

DaMatta é autor da obra “Carnavais, malandros e heróis” (1997), na qual apresenta um argumento que parte de um rito de autoridade contido na expressão “você sabe com quem está falando?”. Do “homem cordial” chegamos ao sujeito que verticaliza relações. Na verdade, não são dois sujeitos diferentes, mas o mesmo sujeito que se movimenta na esfera social de uma organização híbrida entre dimensões da casa, da rua e do “outro mundo”.

Assim, o espaço público brasileiro se forma a partir de critérios de impessoalidade que se sustentam em concepções da modernidade ocidental que chega, tardiamente, ao nosso país. Contudo, o dilema está, segundo DaMatta, na prática desse sistema, pois, os bem relacionados, os “amigos”, estariam acima das leis que garantiriam a impessoalidade típica das modernas democracias conduzidas por um Estado de direito. Ou seja, *aos amigos tudo, aos inimigos a lei!*

Nesta perspectiva, o futebol também se inscreveria nesta sociedade híbrida, permeada por relações diversas com a mediação de um Estado também atravessado por elas. É um esporte que apresenta traços interessantes ao analista social, já que

[...] diferentemente de outras instituições, o futebol tem a capacidade de unir muitas dimensões simbólicas na sua invejável multivocalidade, sendo a um só tempo, jogo, esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina das massas e evento prazeroso (DAMATTA, 2006, p. 139).

Nas crônicas de DaMatta é possível percebermos constantes referências à obra de Nelson Rodrigues. O antropólogo reconhece o papel importante exercido pelo cronista-dramaturgo, assumindo algumas das premissas de seu pensamento em relação às tramas envolvendo o futebol e a sociedade. Nesse sentido, o “complexo de vira-latas” associado ao debate sobre identidade e nacionalidade é uma constante nos textos de DaMatta por hora examinados.

Temos crônicas alusivas à Copa de Mundo de 1994, disputada nos Estados Unidos, na qual a seleção nacional sagrou-se tetracampeã. Aqui, temos um cenário positivo em termos de vitória, encerrando um ciclo de insucessos a partir de 1974, Foram vinte anos

entre o tricampeonato no México e a vitória, nos pênaltis, sobre a também então três vezes campeã do mundo, a seleção italiana.

Contudo, na mesma coletânea, temos um conjunto de crônicas referentes à Copa do Mundo de 1998, na qual a seleção foi derrotada na final pelos anfitriões franceses, que celebraram sua primeira conquista mundial. O curioso é que, tanto na vitória, como na derrota, encontramos reflexões de inspiração nelsonrodrigueana que apontam para um sentimento de baixa intensidade cívica futebolística, ou seja, mesmo quando ganhamos, ganhamos jogando mal.

Isso remete à ideia de que o Brasil do futebol, representado pela seleção nas Copas, não pode ter falhas e, além de ganhar, tem que ganhar jogando bem, dando espetáculo, “sobrando” em relação aos demais times-países. Temos alimentada, assim, uma visão idealista e romântica deste Brasil que dá certo. O futebol é um mecanismo de “transferência”, pois, tal como no carnaval, no qual o mendigo na vida real vira o rei na avenida, temos o desempregado que vira, na condição de torcedor, “campeão”.

Por isso, o futebol fornece aspectos que permitem ao analista social compreender alguns meandros da cotidianidade que são parcialmente captados pelas macroteorias, tendo em vista aspectos intersubjetivos que configuram processos identitários. Dessa forma, na segunda metade do século XX, com a profissionalização do esporte e com o cenário de alinhamento do Brasil ao bloco capitalista-liberal no contexto da Guerra Fria, vamos ver como o esporte é utilizado no âmbito da propaganda nacionalista oficial do regime militar.

Não adentrando profundamente neste contexto, para fins de nosso argumento neste ensaio destaca-se a utilização da vitória brasileira na Copa do Mundo de 1970, além da interferência representativa das relações entre o futebol e a política no contexto do campeonato nacional de futebol. A frase largamente conhecida de que “onde a Arena vai mal, um time no nacional”, denota esse espaço do futebol como mecanismo político.

No contexto dos anos 1980, na reabertura democrática, vamos observar a presença de vários jogadores presentes na campanha conhecida como Diretas já!. Parte desta conjuntura é o arranjo político do plantel do Corinthians de São Paulo, popularizado como “democracia corinthiana”. No cenário dos anos 1990, o futebol acompanha as tendências liberalizantes e torna-se uma “mercadoria” valiosa, transformando jogadores e técnicos de grandes clubes brasileiros em milionários.

O ambiente da primeira década do século XXI e o período pré-Copa do Mundo de 2014, remodelou o futebol brasileiro e, sobretudo, alguns estádios. Na verdade, passamos a

conviver com o conceito de arena, que remete ao campo de jogo com a torcida mais próxima, com mais conforto e, talvez por isso e outras coisas, mais caro. O valor do ingresso nos novos estádios-teatros e a consagração/necessidade de um aumento do quadro social dos clubes afastou o torcedor comum, homem do povo, que, amante do futebol, passou a torcer pela televisão em um bar com canal pago duplamente.

O futebol-mercadoria contrasta com o futebol-épico de Nelson Rodrigues. O drama segue ilustrando o esporte, mas passa a existir na segregação financeira e de classe social promovida pelo torcedor-consumidor que fica alijado de acompanhar seu time da arquibancada (agora, cadeira).

Dessa forma, o futebol acompanha as transformações da sociedade brasileira, tanto em termos econômicos, como intersubjetivos. O “complexo de vira-latas”, na linha nelsonrodrigueana, acometeu um número significativo de brasileiros depois do anúncio da realização da Copa do Mundo de 2014 em nosso país. Um ano antes, na Copa das Confederações, demandas reprimidas ligadas a temas de direitos sociais (salário, saúde, mobilidade urbana...) promoveram a tomada das ruas nos chamados *protestos*.

Conforme mencionei, “Não vai ter Copa” foi um lema construído para sinalizar que o dinheiro investido no evento deveria ser canalizado para hospitais, escolas, segurança, enfim, para tudo aquilo mal resolvido ao longo da história. Entre 1950 e 2014, não teve Copa, assim como as condições médias de vida da nossa população não melhoraram como deveria.

Teve a Copa e o saldo apontou para um zero a zero chocho. Antes e depois do torneio, a saúde pública continuou mal tratada, assim como a educação do berçário à pós-graduação. Casos de corrupção simplesmente passaram pelo evento da FIFA, ainda que dentro dela tenham aparecido cada vez mais.

Nos protestos de 2013, explicitamos nossas mazelas sociais fora de campo e criamos uma certa ilusão de que tudo estava bem dentro dele. Ao fazer 3x0 na Espanha, campeã do mundo de 2010, a seleção brasileira ergueu a taça da Copa das Confederações no Maracanã. Nesse momento, alimentamos o nosso “complexo de mastim tibetano”, que é o cão mais valioso do mundo.

Pela narração odiada e, por isso, amada de Galvão Bueno, o orgulho nacional plantou a semente a ser colhida com o sexto título no ano seguinte. Isso se as novas arenas ficassem prontas e as obras estruturais permitissem um país que pudesse acolher visitantes de todo o mundo. O ano de 2014 seria o ano da Copa e também o da eleição presidencial.



Portanto, dois assuntos que dizem que não se discute estavam em discussão: política e futebol.

Entramos 2014 assim, vivendo uma relação pendular com nossos *complexos*: o de “vira-latas” fora de campo e o de “mastim tibetano” dentro dele. Claro, nossa cultura se presta muito mais ao relacional do que a posições fixas. Isso significa que temos vários “vira-latas tibetanos” por aí na política e no futebol, assim como em outras esferas de nossa sociedade. Temos muitos comentaristas esportivos que parecem alguns católicos que fazem oferendas à Iemanjá.

O Brasil manteve duas coisas básicas em 2014: o grupo de jogadores convocados pelo Luiz Felipe foi praticamente o mesmo da campanha vitoriosa do ano anterior e a polarização PT e PSDB chegou ao sexto pleito. A goleada do PT de 4x2 não representa bem o equilíbrio desse jogo, principalmente o de 2014. Se a eleição foi equilibrada, o mesmo não podemos dizer do nosso selecionado.

Contudo, se por um lado a seleção foi desequilibrada, por outro lado foi de uma coerência incrível, pois não convenceu do primeiro ao último jogo. No fim, nosso time foi parecido com o “clima” da Copa no país: mesmo não ficando um monte de coisa pronta como deveria, a Copa saiu e foi bonita.

Terminar a Copa em quarto lugar não é um desastre. O problema foi tomar 10 x 1 nos dois jogos finais da participação brasileira. A última impressão é a que fica e esta tornou a derrota para o Uruguai em 1950 apenas mais um jogo. Se lá nos achamos “inferiores”, o que dizer agora? Reinventamos Nelson Rodrigues?

### **Indo para o vestiário**

Este ensaio é uma tentativa de aproximar tendências interpretativas sobre o futebol como fenômeno social de massas. O antropólogo e o dramaturgo se encontram na paixão pelo esporte-jogo, fornecendo importantes pistas sobre aspectos que caracterizam a sociedade nacional nas últimas seis décadas.

Assumindo cada qual seu lugar na produção intelectual, Nelson Rodrigues e Roberto DaMatta produzem amplo cenário científico-artístico do Brasil, no qual o futebol aparece como metáfora privilegiada. Jogadores são personagens, assim como torcedores, cronistas e, até mesmo, aqueles que não gostam do jogo e acabam sendo parte desta trama com ares de novela.

Reconhecendo o estatuto epistemológico distinto da sociologia e da literatura, me filio à argumentação de Bauman sobre a “irmandade” destas áreas no “desvelamento” da sociedade travestida de espetáculo teatral. O “rasgar as cortinas” é assumido pelo analista social sensível quanto ao prosaico que rotiniza as relações e que assume diversas facetas diante do cidadão-torcedor.

Na qualidade de sociólogo-torcedor, me aproximo dos dois autores de referência pelo gosto esportivo e pela inclinação pelas três cores. Eles, do Fluminense, eu, do Grêmio Porto Alegre. Quem sabe, ambos compreendendo o futebol para além de sua dimensão esportiva.

### **Referências**

BAUMAN, Z. **Para que serve a sociologia?** Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas.** 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DAMATTA, R. **A bola corre mais do que os homens:** duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FRAGA, G. W. **Uma triste história de futebol no Brasil:** o maracanaço – nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 1950. Passo Fundo: Méritos, 2014.

RODRIGUES, N. **Brasil em campo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

\_\_\_\_\_. **O berro impresso das manchetes:** crônicas completas da Manchete Esportiva 55-59. Rio de Janeiro: Agir, 2007.